

PAPA DIZ: RECUSA A BEIJO NO ANEL É POR HIGIENE
(O Estado de S. Paulo, 29/3/19)

José Raimundo Gomes da Cruz
Procurador de Justiça de São Paulo aposentado

Há vários anos, certa professora de medicina mostrou-se muito preocupada, com a fileira de fieis para beijar o crucifixo, na procissão das quinze horas da Sexta-feira santa. Após cada beijo, alguém se limitava a passar um paninho no lugar do beijo. A maior preocupação da médica era com a epidemia de meningite daquela ocasião.

Destaque do texto jornalístico do título acima: “Segundo Vaticano, ato foi para evitar difusão de germes entre um grupo numeroso de pessoas”.

No começo do atual papado, em 2013, o papamóvel, que passou a ser usado pelo Pontífice desde o grave atentado a tiros sofrido pelo Papa João Paulo II, em 1980, foi dispensado pelo atual Papa.

No desfile daquele ano, no Rio de Janeiro, além do sério perigo da dispensa do referido papamóvel, o então novo Pontífice chegou a receber de desconhecidos, que olhavam a passagem do veículo sem qualquer garantia contra agressões, cuia de chimarrão, que o Papa Francisco consumiu, sem qualquer cerimônia.

Com o tempo, certamente voltaram a valer regras de segurança, começando pela volta do uso do papamóvel.

Retomando a matéria do Estadão, citada no título acima, ela inclui o seguinte destaque: “O papa Francisco não deixou beijar seu anel, retirando a mão da frente dos fiéis, durante sua viagem a Loreto (Itália), na segunda-feira, ‘por higiene’. Segundo o Vaticano, o ato – que provocou polêmica entre conservadores – era só para evitar a difusão de germes em um grupo numeroso.”

Explicando seu cuidado com contágios, o Papa admitiu apreciar abraços dos fiéis, “mas também teme que possam adoecer”.

A propósito do anel, cada “papa escolhe seu próprio anel, que é destruído após sua morte, uma formalidade que sinaliza o fim do pontificado. O anel lembra o apóstolo Pedro, que foi um pescador e o primeiro papa” (Estadão cit.)

Passando das mãos aos pés, a matéria jornalística citada acrescenta: “A discussão cresceu porque os conservadores consideravam a possibilidade de o papa estar indo contra as tradições. No passado, como cumprimento respeitoso em audiências privadas e ato de submissão ao pontífice, chegou-se na saudação aos papas a adotar-se o beija-pé. Ele só foi abolido por Paulo VI nos anos 1960.”

A força das tradições deve ceder, sempre, com a evolução dos costumes decorrentes do progresso científico. Qualquer hábito antigo, condenado por este, deve deixar de ser mantido. Acresce que todo conhecimento de tão saudáveis mudanças exige sua mais ampla divulgação.

